

Juventudes e coping religioso-espiritual: uma revisão integrativa

Youth and religious-spiritual-coping: an integrative review

Diogo Luiz Santana Galline¹
Mary Rute Gomes Esperandio²

Resumo

Por ser considerada uma etapa de transformações biopsicossociais, a fase da juventude é passível de situações estressoras. Como mecanismo de enfrentamento, é possível que os jovens se utilizem do *coping* religioso-espiritual (CRE), entendido como o uso de elementos da fé, religião e espiritualidade na superação de adversidades. O presente artigo tem, por finalidade, realizar revisão integrativa sobre o tema, em bases de dados virtuais, que abordasse o CRE entre os jovens. Por revisão integrativa entende-se o método de síntese de conhecimento que almeja a aplicabilidade dos resultados na prática. Utilizou-se para essa revisão três portais: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, Portal de Periódicos CAPES e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). Foram encontrados 48 trabalhos, categorizados por (1) língua; (2) ano de publicação; (3) temas. Confirmou-se que os jovens se utilizam do CRE para lidarem com situações estressoras. Também foi revelada a escassez de publicações que correlacionam as variáveis *jovens* e *CRE*, sobremaneira no Brasil. Os trabalhos específicos que foram encontrados são de língua inglesa, com publicação crescente a partir de 2011, relacionando-se principalmente à saúde mental (ansiedade e depressão), a instrumentos de avaliação (elaboração, validação e adaptação) e ao uso de substâncias (álcool, maconha e tabaco).

Palavras-chave

Coping religioso-espiritual. Jovens. Enfrentamento religioso. Espiritualidade. Estresse.

Abstract

Being considered a stage of biopsychosocial transformations, the phase of youth is susceptible to stressful situations. It's to be expected that young people will use, in this overcoming stress, the spiritual/religious *coping* (SRC), understood as the use of faith, religion and spirituality elements in the face of adversity. The purpose of this article was realize an integrative review about the theme, in virtual database, that approached the SRC among young people. By integrative review meant a synthesis knowledge method that aims the practice applicability of the found results. Three virtual portals were used: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, Portal de Periódicos CAPES e Scientific Electronic Library Online (SciELO). They were found 48 papers, categorized by (1) language; (2) year of publication; (3) themes. It was noticed that young people uses religion and spirituality to deal with these situations. In addition, the studies that correlate the variables *youth* and *SRC* are still scarce, especially in Brazil. Most of the works was found in a English language, with increase from 2011, mainly relating with mental health (anxiety and depression); evaluation instruments (elaboration, validation and adaptation of specific scales) and the use of substances (alcohol, marijuana and tobacco).

¹ Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Especialista em Adolescências e Juventudes pela Universidade Católica de Brasília (UCB) e em Processos de Gestão Pastoral pela PUCPR Bacharel em Psicologia pela Universidade Cesumar (UNICESUMAR) e em Farmácia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Coordenador de Identidade, Missão e Vocação da Província Marista Brasil Centro-Sul (PMBCS). Contato: dgalline@gmail.com.

² Doutora e mestre em Teologia pela Faculdades EST. Bacharel em Psicologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Pós-doutorado em Psicologia da Religião pela Indiana University South Bend e em Espiritualidade nos Cuidados Paliativos pela Universiteit voor Humanistiek. Professora do Programa de Pós-Graduação em Teologia e do Programa de Pós-Graduação em Bioética da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Contato: mary.esperandio@pucr.br.

Keywords

Spiritual/religious *coping*. Youth. Religious support strategies. Spirituality. Stress.

INTRODUÇÃO

O tema da juventude sempre se mostrou complexo para análise: afinal, quem são os jovens? O que os define? Quais as suas principais características? É uma categoria homogênea? São muitas as perguntas, das quais também divergem as respostas. Muitos são os autores (NOVAES, 2006; FERNANDES, 2011; LOBATO, 2011, 2016; ABRAMO, 2016; RIBEIRO et al., 2016) que relatam ser a juventude uma etapa repleta de transformações, a qual se caracteriza por uma série de transições, como situação familiar, cargas de responsabilidade, margens de liberdade, incertezas, renda, empregabilidade, nível de escolarização e outros. Por ser um momento dinâmico e de mudanças, é de se esperar que esse movimento possa ocasionar estresses na vida dos jovens.

Levando-se em consideração que o Brasil é um país majoritariamente religioso e que, aproximadamente 90% dos jovens brasileiros de 15 a 29 anos professam algum tipo de fé (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2022), é de se esperar que esses jovens se utilizem de elementos relacionados à fé para a superação e enfrentamento de situações de sofrimento próprias dessa fase. Como uma dessas possibilidades está o *coping* religioso-espiritual (CRE), que, de acordo com Pargament (1997, 2000), caracteriza-se como o conjunto de estratégias que se baseiam em elementos de religiosidade e espiritualidade para o enfrentamento de situações estressoras.

Os estudos relacionados ao CRE ainda são relativamente escassos no Brasil (ESPERANDIO, 2013), embora venham crescendo no decorrer da última década, apresentado, até então, o predomínio na área da saúde (CORREA, 2016). Tendo em vista a premissa de que tanto o estresse é inerente a todas as etapas da vida humana (inclusive juventude) quanto o CRE pode ser utilizado para diversas situações estressoras – que não estejam exclusivamente relacionadas a enfermidades, o presente artigo objetiva apresentar os resultados de uma revisão de literatura sobre o tema, a fim de verificar o que se tem publicado sobre *coping* religioso-espiritual e juventude.

Na primeira parte do artigo, aborda-se o conceito de juventudes, suas especificidades e características. A seguir, exibe-se a maneira como os jovens lidam com o estresse. A terceira parte desse texto apresenta os resultados do levantamento realizado nas seguintes bases de dados: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, Portal de Periódicos CAPES e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). Ao término, realizam-se as discussões gerais e as considerações finais acerca dos resultados encontrados.

1 OS JOVENS COMO SUJEITOS COMPLEXOS E DIVERSOS

A juventude é uma construção sociocultural, impactada diretamente pelas influências do tempo e da história (GROPPO, 2004). Isso significa que a contextualização da realidade em que

Juventudes e coping religioso-espiritual

se encontra será de suma importância para compreendê-la. Torna-se ineficaz e praticamente impossível homogeneizar a categoria em um único modelo, uma vez que, por conta da multiculturalidade existente, não se aborda mais juventude no singular, senão como juventudes, com a devida ênfase na pluralidade do termo. Para Aquino (2009, p. 31), “tornou-se usual empregar a expressão juventudes para enfatizar que, a despeito de constituírem um grupo etário que partilha várias experiências comuns, subsiste uma pluralidade de situações que confere diversidade às demandas e necessidades dos jovens”.

Muitas são as concepções de juventude. Segundo Focchiari (1965, p. 302), a juventude é “ao mesmo tempo, uma fase da vida, uma força social renovadora e um estilo de existência”. GROppo (2000) segue a mesma linha de raciocínio e afirma que cada sociedade constitui a própria imagem de juventude ao dizer que se trata de uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de componentes e atitudes a ela atribuídos. O jovem também é visto como alguém “em vias de transformação, imerso em um processo profundo de revisão de seu mundo interno e de suas heranças infantis, visando à adaptação ao novo corpo e as novas pulsões” (EIZIRIK, 2001, p. 141). Para Lobato (2011), a juventude é compreendida como processo, composta por elementos que levam a autonomização material e afetiva de seus sujeitos para a entrada na vida adulta. Afirma ainda (LOBATO, 2016, p. 217) que essa busca por autonomia, em âmbito familiar ou social, “faz com que os jovens sejam sujeitos sociais particularmente em franca transformação, seja pelo rompimento de barreiras culturais e convenções sociais, seja pela própria reiteração das mesmas”.

Diante da complexidade do tema, torna-se difícil delimitar as transições entre infância, adolescência, juventude e vida adulta. Velho (2006) afirma que essas fronteiras são discutíveis e propensas a revisões constantes. Abramo (2016, p. 19) acredita que “hoje, mais que em períodos passados, tais percursos não são necessariamente lineares nem compostos por etapas sucessivas e ordenadas, mas, muitas vezes, concomitantes e reversíveis”, dizendo ainda que “o sentido das noções de adolescência/juventude/vida adulta é dado menos pela idade do que pela situação vivida, principalmente em relação à situação familiar e às cargas de responsabilidade e margens de liberdade que elas implicam” (ABRAMO, 2016, p. 56).

Difícil também é querer delimitar um marco terminal da juventude. Segundo Camarano (2006, p. 16), “não existe um consenso na literatura sobre qual evento marca a entrada do indivíduo no mundo adulto: independência econômica, saída da casa dos pais ou constituição de família. Também não se tem consenso sobre qual processo define a formação de família: casamento, parentalidade e/ou saída de casa”. Para Abramo (2016, p. 29), “nos estudos demográficos modernos, a transição para a vida adulta é vista como um fenômeno complexo, que envolve a formação escolar, a inserção profissional e a constituição de um novo núcleo familiar”, reforçando a ideia de que esses eventos podem acontecer em sequência variada e com arranjos múltiplos.

Em 1985,³ a Organização das Nações Unidas (ONU) buscou definir a juventude como aqueles e aquelas que se situam entre 15 a 24 anos de idade (CAMARANO, 2004). E, para efeitos de lei brasileira, o Estatuto da Juventude⁴ define como jovem as pessoas que possuem entre 15 e 29 anos, podendo ainda ser subclassificado de três maneiras: jovem-adolescente (15 a 17 anos), jovem-jovem (18 a 24 anos) e jovem-adulto (25 a 29 anos).⁵ Dentro dessa perspectiva e de acordo com o último censo realizado (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2022), essa categoria apresenta-se atualmente em torno de 45 milhões de pessoas, o que equivale a aproximadamente 23% da população total brasileira. Segundo projeções realizadas pelo Atlas das Juventudes,⁶ depois de quase duas décadas com a estimativa de 50 milhões de jovens de 15 a 29 anos, o Brasil verá cada vez mais a sua população nessa faixa etária diminuir desse patamar.

Não obstante o critério de idade, faz-se estritamente necessário expandir o olhar para além da divisão etária. É de se esperar que outras variáveis também influenciem. Fernandes (2011, p. 105) incita que, junto à faixa etária, “devem ser agregadas variáveis socioeconômicas e socioculturais, tais como renda, empregabilidade, nível de escolarização, acesso a equipamentos educativos e culturais, dentre outros”. De acordo com Sofiati (2012), os jovens podem ser categorizados tanto conforme critérios socioculturais quanto etários.

Com relação às principais características da etapa juvenil, há mais discussões. De acordo com o Conselho Episcopal Latino-Americano, em sua publicação *Civilização do amor: projeto e missão*, existem quatro grandes paradigmas que se relacionam à juventude, podendo ela ser percebida como: (1) etapa problemática; (2) etapa preparatória; (3) potencial transformador; (4) sujeito de direitos. A dominante ainda é aquela que relaciona o jovem como sinônimo de problema. Há algumas hipóteses para tal: por serem questionadores, causarem desconforto, buscarem mudança, exigirem explicações (CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, 2013). Aquino (2009) crê que a percepção juvenil como etapa problemática significa serem os jovens associados a situações de delinquência, comportamento de risco, drogadição e atrair ações de instituições relacionadas ao controle social tutelar e repressão.

Existe também uma linha de raciocínio que considera a juventude como etapa preparatória, pois a categoria é percebida sob a ótica da potencialidade do *vir-a-ser* adulto. Nessa visão, o adulto é detentor do conhecimento e responsável por ensinar ao jovem que, por

³ Em 1985 foi decretado o Ano Internacional da Juventude. Tal fato inspirou a ONU a buscar a definição daquilo que se entende por juventude.

⁴ Lei sancionada em 2013 que dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude (SINAJUVE). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm. Acesso em: 22 fev. 2024.

⁵ Informação que foi retirada na versão final do documento, mas esteve presente no decorrer de todas as discussões. Disponível em: http://www.camara.gov.br/internet/agencia/pdf/redacao_final_manuela_davila_juventude.pdf. Acesso em: 22 fev. 2024.

⁶ Disponível em: <https://atlasdasjuventudes.com.br/jovens-populacao-e-percepcoes/projecao-populacional/>. Acesso em: 22 fev. 2024.

Juventudes e coping religioso-espiritual

estar em desenvolvimento, somente aprende, algo similar a uma moratória social.⁷ Reforça-se a ideia de que “a juventude também foi tradicionalmente tematizada como fase transitória para a vida adulta, o que exigiria esforço coletivo para preparar o jovem para ser um adulto socialmente ajustado e produtivo” (AQUINO, 2010, p. 25). Ou seja, o foco ainda está no universo adulto e o jovem é percebido meramente como alguém incompleto e tendo a necessidade de ser formatado para ser um adulto de referência.

Os dois últimos paradigmas são mais otimistas: o terceiro percebe a juventude como um segmento da sociedade que seria capaz de transformar e inspirar o mundo a ser um lugar melhor a todos, por meio das responsabilidades e das questões sociais (CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, 2013). A juventude, dessa forma, torna-se ator estratégico do desenvolvimento, com um efeito positivo sobre a dinâmica do incremento socioeconômico mundial (AQUINO, 2009). E o último é aquele que considera o jovem como um sujeito de direitos, em busca da própria autonomia. A expressão sujeito de direitos está ancorada, segundo Novaes (2010), na indivisibilidade dos direitos individuais e coletivos, reflexo das democracias contemporâneas.

À luz do exposto, torna-se evidente a pluralidade que caracteriza a vida da juventude, ou melhor, das juventudes. As *múltiplas variáveis* que compõem esse vasto mosaico contribuem para a heterogeneidade das experiências vividas por adolescentes e jovens. Reconhecer essa diversidade requer uma abordagem holística, fundamental para compreender as diferentes perspectivas que permeiam o universo juvenil e, assim, aprofundar o entendimento sobre suas complexas realidades e necessidades.

2 JUVENTUDE CONTEMPORÂNEA E ESTRESSE

Reconhecer o jovem como sujeito de direitos é, sobretudo, compreendê-lo em sua totalidade, como um ser completo e complexo, dotado de dimensões biopsicossociais.⁸ Diante de alguém tão complexo, que está em pleno desenvolvimento e subordinado a uma série de mudanças, é de se esperar que essa fase da vida seja fonte de inúmeras situações estressoras. O conceito de estresse, assim como o de juventude, é bastante amplo. Para Folkman e Lazarus (1984), o estresse dá-se na relação entre indivíduo e ambiente, que é percebida para além do que a pessoa pode suportar, excedendo assim seus recursos pessoais e ameaçando o próprio bem-estar.

Há uma gama de fatores estressores na vida de um jovem. Das transformações internas à busca por emprego, passando por questões de saúde mental, insegurança e de violência, muitas são as candidatas à fonte estressora desses seres em desenvolvimento. Uma dessas fontes

⁷ Por moratória social, adota-se a ideia de Luseni Aquino: um crédito de tempo concedido ao indivíduo que protela sua entrada na vida adulta e possibilita experiências e experimentações que favorecerão seu pleno desenvolvimento, especialmente em termos de formação educacional e aquisição de treinamento.

⁸ Discute-se atualmente a importância de se considerar o ser humano também nas dimensões espiritual e ecológica (biopsicossocial-espiritual-ecológica).

de tensão dá-se com a consolidação e continuidade das transformações biopsicossociais iniciadas na adolescência. Além do corpo, muda-se também o papel social de cada um dentro e fora do contexto familiar.

Existem tensões oriundas de causas externas. Em pesquisa de opinião intitulada *Perfil da juventude brasileira* (2003), os participantes escutados relataram diversos aspectos negativos em ser jovem. O principal deles deu-se com o convívio com riscos variados, tais como: drogas, violência, más companhias, falta de trabalho e renda, além da falta de liberdade por conta do controle familiar. Nessa mesma pesquisa, as maiores preocupações elencadas pelos jovens foram: segurança, violência, trabalho e drogas (ABRAMO, 2005).

A tensão por conta da violência merece destaque. A Secretaria Nacional de Juventude (SNJ) realizou, em 2013, outra pesquisa de opinião, intitulada *Agenda juventude Brasil*, com o intuito de “levantar as questões da juventude brasileira de forma ampla e abrangente, de modo a possibilitar a análise e a reflexão sobre seu perfil, suas demandas e formas de participação” (NOVAES; VENTURI, 2016, p. 9). Os resultados revelaram que 22% dos jovens brasileiros tiveram alguma experiência de proximidade com a violência em sua forma extrema. O estudo afirma que embora sejam um quarto da população, os jovens brasileiros foram as vítimas de mais da metade dos homicídios no Brasil. Segundo Venturi (2016, p. 176), “o índice de jovens brasileiros que morreram por homicídio foi cerca de três vezes maior que o de não jovens”.

Ainda sobre a ótica da violência, como principais causas de mortalidade juvenil aparecem homicídios, acidentes de trânsito e suicídio. Tais fatores podem ser de grande responsabilidade no que diz respeito ao estresse que o jovem necessita enfrentar diariamente, principalmente se ele estiver dentro de algum dos grupos que, hoje, são os principais alvos dessa mortalidade juvenil: sexo masculino, negro, homoafetivo, pobre (CAMARANO; MELLO; KANSO, 2009).

O suicídio é recorrente na realidade juvenil. Recente declaração da Organização Mundial de Saúde (OMS), em 2015, traz a informação de que tirar a própria vida já é a segunda causa de morte de pessoas entre 15 a 29 anos de todo o mundo (atrás apenas nas fatalidades de trânsito) e que, no Brasil, essa taxa é de 6,9 casos para cada 100 mil habitantes. Ainda: 800 mil pessoas se suicidam anualmente e, para cada caso fatal, há 20 tentativas fracassadas.⁹ Para Koenig (2012), tais pensamentos e comportamentos indicam uma saúde mental deficitária e grande dificuldade para lidar com circunstâncias difíceis, com relativa perda de significado e propósito de vida, bem como desânimo e desesperança.

Apresentando certa relação com o suicídio, doenças mentais como a ansiedade e a depressão também são consideradas como grandes fontes estressoras. Novamente de acordo com a OMS, a depressão é a principal causa de doença entre jovens de 10 a 19 anos e que um

⁹ Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150922_suicidio_jovens_fd. Acesso em: 22 fev. 2024.

Juventudes e coping religioso-espiritual

dos possíveis gatilhos para tal é o conflito em lidar com as inúmeras transformações, como a busca da identidade, a perda de idealizações e as alterações corporais.¹⁰

Mais uma possível fonte de estresse: a busca pela inserção no mercado de trabalho. O trabalho ocupa espaço central na vida dos jovens, sendo uma “dimensão presente e central na estruturação das expectativas e dos projetos da população juvenil” (CORROCHANO; FREITAS, 2016, p. 155). Era de se esperar que, ao terminarem os estudos, os jovens conseguissem posicionar-se profissionalmente. Mas essa não é uma certeza. Para Bauman (2012, p. 45), trata-se de uma geração (talvez a primeira) de “portadores de diplomas universitários com expectativas decrescentes”, na qual enfrenta um “novo mundo inflexível, inóspito e pouco atraente, o mundo da degradação dos valores, da desvalorização dos méritos obtidos, das portas fechadas, da volatilidade dos empregos e da obstinação do desemprego”.

A educação também pode ser geradora de tensão, uma vez que ela parece ter deixado de garantir o sucesso profissional. Novaes (2006) trabalha com a hipótese de que o diploma escolar e acadêmico por si não é capaz de garantir a melhor inserção no mercado de trabalho, restando a muitos a precariedade dos serviços disponíveis. Acrescenta-se a essa situação a ausência de políticas públicas efetivas que favoreçam tal inserção, as grandes exigências de experiência e de formação e a escassez de oportunidades que têm feito com que não consigam o emprego ou, até mesmo, sejam forçados a arriscarem-se no mercado informal de trabalho.

De acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, os jovens são os mais afetados pelo desemprego. Em 2016, a taxa de desemprego dos jovens entre 14 e 24 anos foi de 26,36%.¹¹ Houve também um aumento dos *jovens nem-nem*, isto é, que nem estudam e nem trabalham. De acordo com a pesquisa *Agenda juventude Brasil* (2013), um quarto dos jovens estão nessa situação, sendo que, desses, 12% estão em busca de emprego.

Há também aqueles e aquelas que podem sofrer pelo vazio existencial de não terem encontrado um sentido à própria vida, uma vez que “o ser humano está sempre voltado pra algo que não é ele mesmo – para algo ou para alguém, para um sentido que venha a encontrar” (FRANKL, 2013, p. 95). Já na década de 1970, Viktor Frankl dizia que a juventude universitária era impactada pelo sentimento de vazio, que era capaz de gerar a agressividade, criminalidade, dependência de drogas e suicídio, afirmando que “tomados pelo sentimento de ausência de sentido, expostos e entregues a um vazio completo de sentido, atiram-se sem hesitar à aventura de preencher esse vazio com o contrassenso e o absurdo” (FRANKL, 2015, p. 108).

Todas essas condições configuram-se como potenciais fontes de estresse, especialmente no que tange à saúde mental, impactando diretamente os projetos de vida dos jovens. É relevante destacar, entretanto, que embora o termo “mental” seja comumente utilizado, uma abordagem mais precisa seria referir-se à dimensão existencial, uma vez que o sofrimento não

¹⁰ Disponível em: <http://oglobo.globo.com/sociedade/saude/depressao-principal-doenca-da-adolescencia-12588925>. Acesso em: 22 fev. 2024.

¹¹ Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/noticia/2016/06/desemprego-afeta-mais-os-jovens-diz-estudo-do-ipea.html>. Acesso em: 22 fev. 2024.

se limita à mente, mas envolve o ser humano em sua totalidade. Dessa forma, a perspectiva de saúde integral é afetada, abrangendo não apenas aspectos psicológicos, mas também físicos, sociais, psicológicos e emocionais.

3 COPING RELIGIOSO-ESPIRITUAL (CRE) E JUVENTUDES: REVISÃO INTEGRATIVA

Tendo como ponto de partida tudo o que já fora apresentado acerca da compreensão da complexidade do universo juvenil, bem como os diversos fatores estressores que podem incidir sobre essa importante fase de transformação biopsicossocial, é de se esperar que os jovens busquem maneiras para lidar com tais sofrimentos. E existem muitas estratégias para esse enfrentamento.

Uma delas relaciona-se ao uso de elementos da própria religião e a espiritualidade. Segundo King, Ramos e Clardy (2013), a religião e a espiritualidade oferecem aos jovens uma série de recursos de desenvolvimento e que, quando bem aproveitadas, podem servir como um meio potente para que a juventude prospere e floresça. Pargament e colaboradores (2000) observaram que a religião contribui com uma variedade de propósitos, sobretudo no enfrentamento de crises e sofrimentos no cotidiano da existência humana, servindo como recurso para produção de sentido; como meio de controle nas situações em que o indivíduo sente que perdeu o controle; como fonte de conforto; como facilitadora de coesão social e como instância promotora de transformação subjetiva.

Sendo assim, dá-se o nome de *coping* religioso-espiritual ao conjunto de ferramentas de enfrentamento de situações estressoras por meio da fé, religião e espiritualidade, facilitando com a solução do problema ou aliviando as consequências emocionais das circunstâncias estressantes (PARGAMENT, 1997; 2000).

3.1 Metodologia do estudo

O método escolhido para a realização do estudo foi a revisão integrativa da produção de artigos científicos, bem como dissertações e monografias publicadas, que correlacionem o CRE e os jovens. O principal objetivo consistiu em identificar a existência de pesquisas dessas duas áreas e as principais temáticas levantadas. A revisão integrativa consiste na “síntese do conhecimento e a incorporação da aplicabilidade de resultados de estudos significativos na prática” (SOUZA et al., 2010, p. 102). Ademais, esse método permite, por meio de pesquisa bibliográfica, levantar semelhanças e diferenças entre os estudos existentes, assegurando a veracidade científica necessária para a produção de um material qualificado.

O levantamento foi realizado entre os meses de julho a setembro de 2016, em três portais virtuais de artigos, teses e dissertações: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, Portal de Periódicos CAPES e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). Com relação aos termos de procura, buscaram-se os trabalhos publicados a partir de 1990 por

Juventudes e coping religioso-espiritual

meio da combinação de palavras que envolvesse o *coping* religioso¹² e as juventudes, tanto em português quanto em inglês: “*coping* religioso + jovens”; “*coping* religioso + estudantes”; “enfrentamento religioso + jovens”; “enfrentamento religioso + estudantes”; “*religious coping* + youth” e “*religious coping* + students”.¹³

3.2 Resultados encontrados

A partir dos termos de busca citados no tópico anterior, foram localizados inicialmente 396 trabalhos (17 Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações; 371 Portal de Periódico CAPES e 8 SciELO). Após leitura aprimorada dos materiais encontrados pelos termos de busca acima, selecionou-se apenas aqueles que apresentassem o CRE entre os jovens, restando para análise 48 estudos.

Sob a perspectiva do ano de publicação, os estudos relacionados ao CRE entre os jovens começaram a surgir a partir de 1990. Contudo, tais publicações, até o ano 2000, são espaçadas e escassas. Destaca-se a quantidade obtida a partir de 2011, no qual se registrou 70,83% (isto é, 34 dos 48) materiais acadêmicos em questão.

GRÁFICO 1 – MATERIAIS CLASSIFICADOS POR ANO DE PUBLICAÇÃO



Fonte: Os autores.

Com relação aos idiomas, dos 48 trabalhos levantados, três são de língua portuguesa e 45 de língua inglesa. Os trabalhos brasileiros nas bases de dados mencionadas não dizem respeito diretamente ao *coping* religioso-espiritual entre jovens. Estes estudos, na verdade, referem-se a pesquisas sobre *coping* em outras populações específicas, como por exemplo, o

¹² Optou-se em *coping* religioso em detrimento ao *coping* religioso-espiritual para possibilitar um aumento da abrangência dos trabalhos, uma vez que muitos são aqueles que se utilizam apenas da nomenclatura religioso (desconsiderando o espiritual).

¹³ A partir dos primeiros resultados encontrados em língua inglesa, percebeu-se a necessidade de também incluir o termo “adolescente” na revisão integrativa. Dessa forma, acrescentaram-se os termos de busca “adolescentes/adolescents” correlacionando-se com “*coping* religioso/*religious coping*/enfrentamento religioso”.

estudo de Mesquita (2013), realizado entre pessoas em tratamento de quimioterapia (e que, nas considerações finais, apresenta a maior utilização do CRE negativo em pacientes mais jovens da amostragem – e não necessariamente da faixa etária juvenil); o trabalho de validação da Escala CRE (PANZINI; BANDEIRA, 2004), e o estudo de Meneses (2015) que investigou a relação entre religiosidade e sexualidade em jovens evangélicos e fez uso da Escala CRE. Neste último estudo, embora tenha havido a aplicação da Escala CRE, tais dados não foram apresentados e analisados no artigo em questão.

Sobre as temáticas dos trabalhos, optou-se em categorizar por aproximação os 45 artigos encontrados em língua inglesa, uma vez que os estudos brasileiros não se relacionavam diretamente com o CRE em meio aos jovens (conforte salientado acima). Dessa maneira, os principais temas foram os indicados na tabela abaixo.

TABELA 1 – CLASSIFICAÇÃO DOS TRABALHOS ENCONTRADOS POR TEMAS DE APROXIMAÇÃO

TEMÁTICA	QUANTIDADE	%
SAÚDE MENTAL Aflição Ansiedade Culpa Depressão Satisfação com a vida Sexualidade Transtornos alimentares	15	33,33%
INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO Adaptação para cultura específica Adaptação e verificação em público específico / Diferenças do uso de <i>coping</i> (raça, sexo, idade...) Elaboração e aprimoramento da Escala Relação com outras escalas	10	22,22%
SITUAÇÕES TRAUMÁTICAS Crise econômica Guerra do Golfo Morte Término de relacionamento Terrorismo	07	15,55%
USO DE SUBSTÂNCIAS Álcool Entorpecentes Maconha Tabagismo	06	13,33%
CONDUTA SOCIAL Comportamento suicida Entrega à Deus Luto Racismo	03	6,67%
AMBIENTE ESTUDANTIL <i>Burnout</i> Formação acadêmica relacionada a religião e espiritualidade	02	4,45%
ENFRENTAMENTO DE ENFERMIDADE Anemia falciforme Diabetes Fibrose cística	02	4,45%
TOTAL	45	100%

Fonte: Os autores.

3.2.1 Saúde mental

A maior parte dos trabalhos relaciona-se à saúde mental, em um total de 33,33%, ou seja, 15 estudos. Os subtemas são diversos: aflição, ansiedade, culpa, depressão, satisfação com a vida, sexualidade, transtornos alimentares. A predominância ocorreu com a ansiedade e depressão, no qual estiveram presentes em nove dos 15 estudos (60%). De modo geral, os estudos objetivavam investigar a correlação entre esses subtemas com o enfrentamento adolescente-juvenil, por meio de elementos religiosos e espirituais.

Com relação à ansiedade e depressão, percebeu-se que o *coping* religioso positivo age como protetivo contra a depressão e costuma se relacionar com menores aparições de sintomas depressivos (PARK, 1990; LEE, 2007), ao passo que o *coping* religioso negativo correlaciona-

Juventudes e coping religioso-espiritual

se com mais frequência com altos sintomas depressivos (CARPENTER, 2012). Uma exceção deu-se com dois estudos que apontaram o fato que, em níveis elevados de estresse, a relação de proteção do *coping* não foi encontrada (CARLETON, 2008; DAVIS, 2009). Encontrou-se também que familiares que se utilizam de *coping* religioso positivo apresentaram filhos com menos sintomas depressivos (MAHONEY, 2014).

Houve trabalhos relacionados a transtornos alimentares, em especial a bulimia, em que se concluiu que uma identidade religiosa e espiritual forte serve como fator protetivo contra o transtorno alimentar e que o grande uso de *coping* negativo foi associado com altos níveis de transtorno alimentar e de baixa autoestima, ao mesmo tempo em que o uso de *coping* religioso positivo não foi associado com baixos níveis de transtorno alimentar e nem de alta autoestima (LATZER, 2014). Outro achado nesse mesmo subtema foi o da ligação entre o estilo de *coping* e a crença relacionada à punição de Deus – os participantes que se sentiam mais punidos por Deus apresentaram mais sintomas bulímicos (BUSER, 2013).

3.2.2 Instrumental de avaliação

Como vimos, ocupou em primeiro lugar os trabalhos relacionados à saúde mental; em segundo, foram 22,22% (10) os trabalhos que se dedicaram a elaborar escalas próprias de *coping* religioso, adaptar as existentes para culturas e públicos específicos ou correlacionar o CRE com outras escalas. Há estudos relacionados à adaptação da escala para populações específicas, por exemplo, para adolescentes de diferentes nações, com o desejo de encorajá-los a se utilizarem dos benefícios do *coping* positivo (BJORCK, 2010; TALIK, 2013); e a jovens universitários que se encontram enlutados (LORD, 2014, 2015).

Levantaram-se também artigos que investigaram a diferença do uso de *coping* dentro de uma própria amostra, e que evidenciaram a importância de se considerar a religiosidade, a raça e o gênero quando se investiga o *coping* religioso em jovens (MOLOCK, 2013). Um dos estudos mostrou que participantes de baixo nível de religiosidade e espiritualidade tendem a utilizar estratégias mal-adaptativas, se comparados com os participantes de alto nível de religiosidade e espiritualidade, que apresentam estratégias focadas na resolução de problema (KRAGELOH, 2012).

Houve estudo de Einsenberber (2011) para verificar a alteração de classificação de *coping* no decorrer dos anos. A partir de investigação de 686 adolescentes italianos de 16 a 23 anos, foram evidenciadas as mudanças de *coping* religioso que ocorrem no decorrer dos anos. Classificando-os em quatro categorias de variação de *coping* (diminuição, aumento, baixa estabilidade e alta estabilidade), descobriu-se que a diminuição e a baixa estabilidade tiveram um terço da amostragem cada, enquanto que o terço final foi dividido entre o crescimento e a alta estabilidade. A presença de estabilidade alta esteve mais presente nas adolescentes do sexo feminino. *Coping* religioso de baixa estabilidade foram maiores nas pessoas que sofrem transformações em seu enfrentamento religioso da adolescência para o início da idade adulta.

Por último, há trabalhos que se correlacionam com outras escalas, tais como a Escala WHOQOL-BREF (KRAGELOH, 2012; 2015) e de Inteligência Emocional (NESAMI, 2015). Os resultados apontam que há correlação direta entre as escalas e que um fortalecimento do *coping* religioso pode promover a inteligência emocional como um componente da saúde mental (NESAMI, 2015).

3.2.3 Situações traumáticas

A terceira temática mais encontrada, relativa a 15,55% (7) dos trabalhos é aquela em que aborda o *coping* religioso dos adolescentes e jovens diante de algum episódio específico e externo gerador de transtorno de estresse pós-traumático. Os subtemas encontrados foram: crise econômica, Guerra do Golfo, morte, término de relacionamento e terrorismo.

Como achado central, detectou-se a comprovação da importância da religião e da espiritualidade nesse enfrentamento (e conseqüente superação e retomada de vida) dessas situações traumáticas (PARK, 1993; LAUFER, 2011). Aproveita-se para destacar que um dos estudos apontou a contribuição do *coping* positivo como uma proteção contra o transtorno pós-traumático (ZUKERMAN, 2014) e que, para a situação de crise econômica em que os Estados Unidos enfrentaram, o CRE foi quase nulo ou ineficaz (STEIN, 2013). Outro aspecto interessante encontrado dá-se no fato de as experiências ditas estressantes e traumáticas podem servir como um mobilizador do *coping* religioso (PARGAMENT, 1994).

3.2.4 Uso de substâncias

Presente em 13,33% (6) dos artigos, o tema relacionado ao uso de substâncias destacou o *coping* religioso juvenil com: álcool, entorpecentes, maconha e tabaco. De maneira geral, evidenciou-se o fator protetivo que a religião e a espiritualidade promovem contra o uso abusivo de substâncias (SALAS-WRIGHT, 2014), com o *coping* religioso positivo sendo associado ao menor uso de álcool (MENAGI, 2008; STOLZFUZ, 2012; HARRELL, 2014) e de maconha (SALAS-WRIGHT, 2014; GIORDANO, 2015). Todavia, não foi percebido efeito inibidor do CRE com o uso de substâncias psicoestimulantes/entorpecentes (GIORDANO, 2015).

Com relação ao tabagismo, os resultados obtidos pela pesquisa de Horton (2013) junto a estudantes universitários revelaram que o *coping* religioso positivo diminuiu a probabilidade de fumar em estudantes do sexo feminino, enquanto que, no sexo masculino, tanto o *coping* positivo quanto o negativo não influenciaram no tabagismo. Ademais, os sintomas depressivos aumentaram a probabilidade de consumo de cigarro pelas estudantes e o *coping* negativo exacerbou os sintomas depressivos no consumo de cigarros nessas mesmas estudantes.

3.2.5 Conduta social

Trabalhos relacionados à conduta social, tais como comportamentos suicidas, entrega à Deus e racismo, foram encontrados em 6,67% (3) dos estudos. Houve trabalho que relacionou o

Juventudes e coping religioso-espiritual

estresse ao estilo renúncia de CRE, utilizando-se a teoria de Wong-McDonald (2000) que mede o grau com que os indivíduos abandonam suas vontades à vontade de Deus. Revelou-se que indivíduos com altos níveis de entrega à Deus tem menos risco de obter doenças relacionadas ao estresse (CLEMENTS, 2012).

Com relação aos comportamentos suicidas, os resultados de Molock (2006) apontam que apenas o estilo colaborativo de *coping* religioso relacionou-se com razões para se viver, ao passo que o estilo autodirigido associa-se com o aumento da desesperança, depressão e tentativas suicidas. Corroborando os achados dessa mesma linha de atuação, Westers (2012) investigou o enfrentamento religioso em jovens que se autolesionaram em tentativas de suicídio, descobrindo forte relação entre o *coping* positivo com menor probabilidade de tentativa de suicídio.

Outra subtemática pesquisa relacionada ao CRE e conduta social foi o racismo, no qual Youngbin (2015) investigou a interação entre *coping* religioso e racismo em uma amostra de estudantes universitários cristãos asiático-americanos. Os resultados surpreenderam ao apontarem que o *coping* religioso negativo foi utilizado pelos jovens asiáticos para se protegerem do preconceito.

3.2.6 Enfrentamento de enfermidades

Dos materiais achados, 4,44% (2) dizem respeito ao enfrentamento de enfermidades. Por meio de investigação em jovens que sofriam de anemia falciforme (COTTON, 2009), diabetes e fibrose cística (REYNOLDS, 2013), percebeu-se a grande utilização do *coping* religioso positivo no enfrentamento da doença (COTTON, 2009) e na redução da ansiedade, bem como a utilização mais recorrente de *coping* religioso negativo nos jovens que sofrem de doenças progressivas e severas e naqueles com maiores idades, se comparados com os mais novos (REYNOLDS, 2013).

3.2.7 Ambiente estudantil

Por fim, também 4,44% (2) dos trabalhos relacionam-se ao ambiente estudantil. Graham (2001) investigou a relação entre religião e espiritualidade com o enfrentamento ao estresse em 115 universitários estudantes de *counseling* e revelou a importância de se incluir temas de religião e espiritualidade na própria formação desses jovens, já que tanto religião quanto espiritualidade foram correlacionadas com o enfrentamento ao estresse; ao passo que Noh (2016), por meio de sua pesquisa em 388 alunos coreanos de 11 a 14 anos, evidenciou os benefícios do *coping* religioso positivo diante dos estresses estudantis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A juventude é uma etapa repleta de transformações biopsicossociais. E, por envolver mudanças, é certo que haverá situações estressoras, as quais os jovens estarão propensos a

encarar durante essa fase de desenvolvimento. Pelo fato de a espiritualidade e a religiosidade serem dimensões integrantes da vida dos jovens, percebe-se como oportuno o encorajamento do uso de estratégias positivas de *coping* religioso-espiritual em situações de estresse e sofrimento, pois tal uso pode favorecer, sobretudo, a saúde mental e diminuir sintomas de ansiedade e depressão, bem como desestimular o uso de substâncias químicas, prevenindo, desse modo, os índices de dependência química.

A criação de espaços seguros e inclusivos para a expressão religiosa é fundamental para que os jovens possam manifestar suas crenças espirituais (sem o receio de julgamento). Nesse contexto, é importante reconhecer a diversidade de experiências e formas de espiritualidade que coexistem entre os indivíduos. As pastorais católicas, especialmente aquelas baseadas em uma perspectiva ecumênica, possuem um grande potencial para promover atividades que abordem a saúde mental de jovens das comunidades onde a Igreja atua. Ao enfatizar valores comuns às diferentes tradições religiosas, como compaixão, propósito e resiliência, essas pastorais podem fomentar um ambiente acolhedor e fortalecer a expressão de espiritualidade de forma inclusiva.

Conforme Correa (2016, p. 16) concluiu que as pesquisas em CRE apresentam “um baixo número de publicações no cenário brasileiro, indicando ser necessária uma continuidade de pesquisas que possam expandir as correlações entre a utilização do CRE e seus resultados nos mais distintos tratamentos e situações de crise”, o mesmo pode ser afirmado com relação às pesquisas correlacionando CRE e jovens. Embora haja trabalhos que correlacionem espiritualidade e religiosidade com juventudes, o número torna-se escasso quando o enfoque se dá no CRE entre os jovens, apontando a necessidade de ampliação das pesquisas entre essa população.

Os resultados da revisão destacam a necessidade de estabelecer parcerias com líderes religiosos ou comunidades espirituais locais para fornecer apoio adicional aos jovens. A oferta de atividades ecumênicas focadas no bem-estar psicológico pode contribuir para o fortalecimento da saúde mental dos jovens de maneira holística, utilizando o *coping* religioso-espiritual como ferramenta eficaz para enfrentar desafios emocionais. Dessa forma, é possível integrar tais práticas ao cuidado com a saúde mental, oferecendo um suporte abrangente e promotor de resiliência e bem-estar.

Outro ponto bastante acentuado deu-se na descoberta de trabalhos relacionados à formulação e adaptação de escalas específicas para os jovens. Revela-se, assim, um possível desejo de ampliar os estudos para com esse público específico, com instrumentais que consigam mensurar assertivamente tais aspectos juvenis.

O estudo sobre *coping* religioso-espiritual entre jovens contribui, também, com a reflexão teológica que se quer pública (ou da *práxis*), no sentido de levantar evidências concretas acerca das implicações das crenças religiosas na prática cotidiana, sobretudo no enfrentamento de situações de sofrimento.

Juventudes e coping religioso-espiritual

Diante dos achados, sob a luz da importância que a religião e a espiritualidade têm na vida do jovem, é salutar a necessidade de ampliação, sobremaneira no Brasil, de pesquisas que aprofundem a relação entre o enfrentamento religioso e a vida dos adolescentes e jovens, independentemente de sua expressão de fé. Há um grande campo de estudos que pode ser explorado para que se contribua, a partir da pesquisa em teologia, com o desenvolvimento juvenil pleno e saudável. ✨

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena. **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

ABRAMOVAY, Miriam **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: Ministério da Educação; Unesco 2007.

AQUINO, Luseni Maria de. Introdução: a juventude como foco das políticas públicas. In: CASTRO, Jorge Abrahão de; AQUINO, Luseni Maria de; ANDRADE, Carla Coelho de (Orgs.). **Juventudes e políticas sociais no Brasil**. Brasília: IPEA, 2009. p. 23-39.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BBC BRASIL. Organização Mundial de Saúde: suicídio já mata mais jovens que o HIV em todo o mundo. **BBC Brasil**, 22 set. 2015. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150922_suicidio_jovens_fd. Acesso em: 22 fev. 2024.

BRASIL. **Agenda juventude Brasil: pesquisa nacional sobre perfil e opinião dos jovens brasileiros 2013**. Brasília: Unesco, 2013. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2014/02/agenda-juventude-brasil.epub/view>. Acesso em: 22 fev. 2024.

CAMARANO, Ana Amélia. **Caminhos para a vida adulta: as múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: IPEA, 2004. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_1038.pdf. Acesso em: 22 fev. 2024.

CAMARANO, Ana Amélia. **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?** Rio de Janeiro: IPEA, 2006. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=5504. Acesso em: 22 fev. 2024.

CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange. O que estão fazendo os jovens que não estudam, não trabalham e não procuram trabalho? **Mercado de Trabalho**, Brasília, n. 53, p. 37-44, nov. 2012. Disponível em: http://ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/mercadodetrabalho/bmt53_nt03_jovens.pdf. Acesso em: 22 fev. 2024.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Evangelização da juventude: desafios e perspectivas pastorais**. São Paulo: Paulinas, 2007.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Civilização do amor: projeto e missão**. Brasília: Edições CNBB, 2013.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento de Aparecida:** texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus, 2007.

CORREA, Cairu Vieira. **Coping Religioso-Espiritual (CRE):** revisão da produção em periódicos brasileiros e a sua utilização em profissionais da atenção à saúde mental do litoral do Paraná. 2016, 76 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

CORROCHANO, Maria Carla; FREITAS, Maria Virginia de. Trabalho e condição juvenil: permanências, mudanças e desafios. In: NOVAES, Regina et al. (Orgs.). **Agenda juventude Brasil:** leituras sobre uma década de mudanças. Rio de Janeiro: Unirio, 2016. p. 155-173.

ESPERANDIO, Mary Rute Gomes; HEFTI, René. O modelo interdisciplinar de cuidado espiritual: uma abordagem holística de cuidado ao paciente. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 14, n. 41, p. 13-47, jan./mar. 2016. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/viewFile/P.2175-5841.2016v14n41p13/9373>. Acesso em: 22 fev. 2024.

ESPERANDIO, Mary Rute Gomes; LADD, Kevin Lee. Oração e saúde: questões para a teologia e para a Psicologia da Religião. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 11, n. 30, p. 627-656, abr./jun. 2013. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2013v11n30p627>. Acesso em: 22 fev. 2024.

FERNANDES, Silvia Regina Alves. Marcos definidores da condição juvenil para católicos e pentecostais na baixada fluminense: algumas proposições a partir de um survey. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, p. 96-125, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/V9X9dYfnJVKY6Gy4JvvBrdP/?lang=pt>. Acesso em: 22 fev. 2024.

FOLKMAN, Susan.; LAZARUS, Richard. Personal control and stress and *coping* processes: a theoretical analysis. **Journal of Personality and Social Psychology**, Washington, v. 4, n. 46, p. 839-852, abr. 1984. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/6737195/>. Acesso em: 22 fev. 2024.

FRANKL, Viktor E. **A presença ignorada de Deus**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

FRANKL, Viktor E. **O sofrimento de uma vida sem sentido:** caminhos para encontrar a razão de viver. São Paulo: É Realizações, 2015.

GROPPO, Luís Antonio. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. **Revista de Educação do Cogeime**, São Bernardo do Campo, v. 13, n. 25, p. 9-22, dez. 2004. Disponível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/ocupacoessecundaristas/wp-content/uploads/sites/207/2021/08/5-Dialetica-das-juventudes-modernas.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2024.

GROPPO, Luís Antonio. **Juventude:** ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido:** a religião em movimento. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2022:** panorama do Brasil. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 22 fev. 2024.

INSTITUTO CIDADANIA. **Perfil da juventude brasileira:** pesquisa de opinião pública. São Paulo: Criterium Assessoria em Pesquisas, 2003. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/br/home/index.asp>. Acesso em: 22 fev. 2024.

Juventudes e coping religioso-espiritual

KOENIG, Harold George. **Medicina, religião e saúde: o encontro da ciência e da espiritualidade**. Porto Alegre: LP&M, 2012.

LOBATO, Ana Laura. **Trajetórias afetivas e sexuais entre jovens da periferia**. 2011, 149 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

NOVAES, Regina. Jovens sem religião: sinais de outros tempos. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). **Religiões em movimento: o censo de 2010**. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 175-190.

NOVAES, Regina. Juventude, religiosidade, territórios e redes: reflexões sobre resultados de pesquisas. NOVAES, Regina et al. (Orgs.). **Agenda juventude Brasil: leituras sobre uma década de mudanças**. Rio de Janeiro: Unirio, 2016. p. 233-264.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: EUGÊNIO, Fernanda; ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. p. 45-59.

PANZINI, Raquel Gehrke. **Tradução, adaptação e validação da escala RCOPE, abordando relações com saúde e qualidade de vida**. 2004, 238 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Serviço Social, Saúde e Comunicação Humana, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

PANZINI, Raquel Gehrke; BANDEIRA, Denise Ruschel. Coping (enfrentamento) religioso/espiritual. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 1, n. 34, p. 126-135, 2007.

PARGAMENT, Kenneth Ira. **The Psychology of Religion and coping: theory, research, practice**. Nova York, 1997.

PARGAMENT, Kenneth Ira; KOENIG, Harold George; PEREZ, Linda. The many methods of religious coping: development and initial validation of the RCOPE. **Journal of Clinical Psychology**, v. 56, n. 4, p. 519-543, mar. 2000. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/10775045/>. Acesso em: 22 fev. 2024.

RIBEIRO, José Jair et al. **Juventudes na universidade: olhares e perspectivas**. Porto Alegre: Redes Editora, 2014.

SOFIATI, Flávio Munhoz. **Religião e juventude: os novos carismáticos**. São Paulo: Fafesp, 2011.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da.; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 102-106, jan. Disponível em: <https://journal.einstein.br/pt-br/article/revisao-integrativa-o-que-e-e-como-fazer/>. Acesso em: 22 fev. 2024.

VENTURI, Gustavo. Cultura de violência e drogas ilícitas no cotidiano juvenil. In: NOVAES, Regina et al. (Orgs.). **Agenda juventude Brasil: leituras sobre uma década de mudanças**. Rio de Janeiro: Unirio, 2016. p. 175-190.

Recebido em: 24/08/2024.

Aceito em: 01/11/2024.